



**O DIÁLOGO ENTRE OS SONETOS “OUVIR ESTRELAS”
DE OLAVO BILAC E “OUVIR ESTRELAS” DE BASTOS TIGRE**

**THE DIALOGUE BETWEEN THE POEMS *OUVIR ESTRELAS* BY OLAVO
BILAC AND *OUVIR ESTRELAS* BY BASTOS TIGRE**

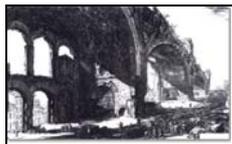
Paulo da Silva Lima¹

RESUMO: Toda linguagem é dialógica, portanto, os textos literários estão sujeitos ao fenômeno do dialogismo. O objetivo deste artigo é analisar dois sonetos para demonstrar a relação dialógica que há entre eles. Para isso, far-se-á análise e comparação da métrica, da acentuação dos versos e do conteúdo semântico, mostrando semelhanças e diferenças existentes entre os poemas. No processo comunicativo, os enunciados são dialógicos porque o enunciador, ao produzir o seu discurso, carrega o discurso do outro. Assim, afirma-se que qualquer discurso é atravessado pelo discurso alheio e é isso que constitui o dialogismo, isto é, as relações de sentido que são estabelecidas entre os enunciados. Portanto, neste trabalho, percebeu-se que há uma relação dialógica entre os sonetos analisados. No entanto, por mais que se note que os dois textos apresentem estruturas formais semelhantes, observa-se que o segundo poema repassa uma visão de mundo diferente da do primeiro, já que nele, a arte poética é usada metaforicamente, fazendo referência ao homem que, ao se apaixonar, anda com a cabeça nas estrelas e tem somente elas como parceiras para conversar sobre a pessoa amada. Já o segundo texto refere-se às estrelas, mas às de Hollywood, demonstrando que, para se desfrutar com mais nitidez dos filmes norte-americanos, é necessário entender inglês.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo, estrelas, soneto, métrica, rima.

Abstract: Every language is dialogic, therefore, the literary texts are subject to the phenomenon of the dialogism. The objective of this article is to analyze two sonnets to demonstrate the dialogic relationship that there are among them. For that, it will be made analysis and comparison of the metric, of the accentuation of the verses and of the semantic content, showing similarities and existent differences among the poems. In the communicative process, the statements are dialogic because the enunciated, when producing his speech, carries the speech of the other. Like this, it is affirmed that any speech is crossed by the strange speech and it is that constitutes the dialogism, that is, the sense relationships that are established among the statements. Therefore, in this work, it was noticed that there is a relationship dialogic among the analyzed sonnets. However, no matter how much it is noticed that the two texts present similar formal structures, it is observed that the second poem reviews a world vision different from the one of the first, since in him, the poetic art is used as metaphor, making reference to the man that, when falling in love, he walks with the head in the stars and

¹ Mestrando em Letras; Universidade Presbiteriana Mackenzie; e-mail: paulodasilvalima@yahoo.com.br



he only has them as partners to talk about the loved person. Already the second text refers to the stars, but to the one of Hollywood, demonstrating that, to enjoy with more clearness of the North American films, it is necessary to understand English.

KEYWORDS: Dialogism, stars, sonnet, metric, rhyme.

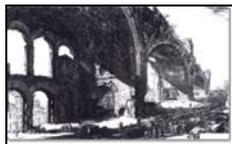
1 INTRODUÇÃO

Toda linguagem é sempre dialógica e, portanto, todos os diálogos mantêm uma relação entre si. Por esse motivo, as obras literárias também estão sujeitas a esse fenômeno de interligação que existe dentro da linguagem, denominado de dialogismo. Sendo assim, sempre haverá uma relação de diálogo entre dois ou mais textos, mesmo que seus autores não tenham a intenção de fazer essa relação dialógica, pois isso é constitutivo da linguagem.

Desse modo, poder-se-ia dizer que a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e intensa. (BAKHTIN, 1988) Nas concepções bakhtinianas sobre linguagem não se ouve falar em intertextualidade, mas este termo que é bastante freqüente atualmente nos estudos sobre o texto, foi introduzido na cultura ocidental por Júlia Kristeva, em 1967, na França. Sendo assim, ela classifica de texto o que Bakhtin denomina de enunciado, ou seja, Kristeva conceitua de intertextualidade o que Bakhtin considera como dialogismo.

Com isso, a intertextualidade pode ser entendida como o processo de incorporação de um texto em outro texto, com o intuito de reproduzir o sentido incorporado ou transformar o sentido em outro por meio de processos como a citação. Esta, por exemplo, é designada como o processo pelo qual se altera ou se confirma o sentido do texto-matriz. Por isso, a Intertextualidade deveria ser a denominação de um tipo composicional de dialogismo, isto é, aquele em que há no interior do texto o encontro de duas materialidades lingüísticas, melhor dizendo, de dois textos. No entanto, para que isso ocorra é preciso que um texto tenha existência independente do texto com que dialoga. (FIORIN, 2005, p. 52-53)

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar os sonetos “*Ouvir estrelas*” de Olavo Bilac e “*Ouvir estrelas*” de Bastos Tigre, para demonstrar a relação dialógica que há entre eles. Para isso, far-se-á a análise e a comparação da métrica, da acentuação dos versos e do conteúdo semântico, mostrando semelhanças e diferenças existentes entre os poemas. Para isso, deve-se mencionar que o soneto de Olavo Bilac é considerado o texto-matriz, ou seja,



aquele que serviu de base para a criação de outro texto e o soneto de Bastos Tigre será designado de hipertexto, pois este foi produzido a partir de outro texto.

Ouvir estrelas

“Ora, (dizeis) ouvir estrelas! Certo perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto, que, para ouvi-las, muita vez desperto e abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto a Via-láctea, como um pátio aberto, cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto, inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo! Que conversas com elas? Que sentido tem o que elas dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas.”

(Olavo Bilac)

Ouvir estrelas

Ora, dizeis, ouvir estrelas! Vejo que estás beirando a maluquice extrema. No entanto o certo é que não perco o ensejo de ouvi-las nos programas de cinema.

Não perco fita; e dir-vos-ei sem pejo que mais eu gozo se escabroso é o tema. Uma boca de estrela dando beijo é, meu amigo, assunto p’ra um poema.

Dizeis agora: Mas, enfim, meu caro, as estrelas, que dizem? Que sentido têm suas frases de sabor tão raro?

Amigo, aprende inglês para entendê-las, pois só sabendo inglês se tem ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas.

(Bastos Tigre)

2 ANÁLISE DA MÉTRICA E DA RIMA

Analisemos primeiramente o soneto “Ouvir estrelas” de Olavo Bilac. Esse poema segue o estilo *petrarquiano*, sendo composto por dois quartetos e dois tercetos. No primeiro quarteto as rimas são alternadas (*a b a b*) e todos os versos são decassílabos. O segundo quarteto apresenta rimas alternadas com o seguinte esquema: (*b a b a*) e todos os versos também são decassílabos. Por outro lado, o primeiro terceto apresenta rimas mistas (*c d c*) com versos decassílabos. Da mesma forma, o segundo terceto compõe-se por rimas mistas (*e d e*) e versos decassílabos.

No poema “Ouvir estrelas”, de Bastos Tigre, a primeira quadra apresenta rimas alternadas (*a b a b*) e os versos são decassílabos. O segundo quarteto, do mesmo modo, faz-se de rimas alternadas (*a b a b*) e de versos decassílabos. No primeiro terceto as rimas são mistas (*c d c*) e os versos são decassílabos. No entanto, no segundo terceto nota-se a presença de rimas mistas (*e d e*) e de versos decassílabos.

2.1 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Quanto às semelhanças da métrica e rima dos dois poemas, nota-se que no primeiro quarteto as rimas são alternadas (*a b a b*) e os versos são decassílabos.

“O/ ra,/(di /reis) /ou /vir /es /tre /las! /Cer /to **A**
 per/ des/ te o/ sen/ sol!” E eu/ vos /di /rei,/no en /tan /to, **B**
 que/, pa /ra ou /vi /-las, /mui /ta /vez /des /per /to **A**
 e a /bro as /ja /ne /las, /pá /li /do /de es /pan /to... **B**
 (Olavo Bilac)

“O/ ra,/di /reis, /ou /vir /es /tre /las! /Ve /jo **A**
 que es /tás /bei /ran /do a /ma /lu /qui /ce ex /tre /ma. **B**
 No en /tan /to o /cer /to é /que /não /per /co o en /se /jô **A**
 de ou /vi /-las /no /pro /gra /ma /de /ci /ne /mas. **B**
 (Bastos Tigre)

O segundo quarteto dos dois sonetos é composto por versos decassílabos, porém se diferenciam nas rimas, pois estas são alternadas apresentando uma mudança de posição nas sílabas finais, ou seja, o texto-matriz tem rimas (*b a b a*) e o hipertexto (*a b a b*), como se vê abaixo:

E /con /ver /sa /mos /to /da a /noi /te, en /quan /to **B**
 a /Vi /a /-lác /tea, /como um /pá /lio a /ber /to, **A**
 cín /ti /la. E, ao /vir /do /sol, /sau /do /so e em /pran /to, **B**
 in /da as /pro /cu /ro /pe /lo /céu /de /ser /to. **A**
 (Olavo Bilac)

Não /per /co /fi /ta; e /dir /-vos /-ei /sem /pe /jo **A**
 que /mais /eu /go /zo /se es /ca /bro /so é o /te /ma. **B**
 U /ma /bo /ca /de es /tre /la /dan /do /bei /jo **A**
 é,/ meu /a /mi /go, a /ssun /to /p'ra um /po /e /ma. **B**
 (Bastos Tigre)

No primeiro terceto os textos se assemelham pelas rimas mistas (*c d c*) e por todos os versos serem decassílabos.

Di /reis /a /go /ra: /“Tres /lou /ca /do a /mi /go! **C**
 Que /con /ver /sas /com /e /las? /Que /sen /ti /do **D**
 tem/ o que e /las /di /zem, /quan /do es /tão /con /ti /go?” **C**
 (Olavo Bilac)

Di /reis /a /go /ra: /Mas, /en /fim, /meu /ca /ro, **C**
 as /es /tre /las, /que /di /zem? /Que /sen /ti /do **D**
 tem /su /as /fra /ses /de /sa /bor /tão /ra /ro? **C**
 (Bastos Tigre)

Do mesmo modo, no segundo terceto, os textos apresentam rimas mistas (*e d e*) e versos decassílabos.

E eu /vos /di /rei: /“A /mai /pa /ra en /ten /dê /-las! **E**

Pois /só /quem /a /ma /po /de /ter /ou /vi /do **D**
 Ca /paz /de ou /vir /e /de en /ten /der /es /tre /las.” **E**
 (Olavo Bilac)

Di /reis /a /go /ra: /Mas, /en /fim, /meu /ca /ro, **C**
 as /es /tre /las, /que /di /zem? /Que /sen /ti /do **D**
 tem /su /as /fra /ses /de /sa /bor /tão /ra /ro? **C**
 (Bastos Tigre)

3 ACENTUAÇÃO

No primeiro quarteto do texto-matriz são acentuadas no primeiro verso a 4^a, 8^a e 10^a sílabas; no segundo a 4^a, 8^a e 10^a; no terceiro a 4^a, 8^a e 10^a e no quarto a 6^a e 10^a sílabas, como se vê a seguir:

“O/ ra,/(di /reís) /ou /vir /es /tre /las! /Cer /to
 per/ des/ te o/ sen/ sol?” E eu/ vos /di /rei,/no en /tan /to,
 que/, pa /ra ou /vi /-las, /mui /ta /vez /des /per /to
 e a /bro as /ja /ne /las, /pá /li /do /de es /pan /to...

O segundo quarteto apresenta acento na 4^a, 8^a e 10^a sílabas do primeiro verso; na 4^a, 8^a e 10^a no segundo; 4^a, 8^a e 10^a do terceiro; e também na 4^a, 8^a e 10^a do quarto verso.

E /con /ver /sa /mos /to /da a /noi /te, en /quan /to
 a /Vi /a /-lác /tea, /como um /pá /lio a /ber /to,
 cin /ti /la. E, ao /vir /do /sol, /sau /do /so e em /pran /to,
 in /da as /pro /cu /ro /pe /lo /céu /de /ser /to.

No primeiro terceto acentuam-se a 4^a, 8^a e 10^a sílabas no primeiro verso; porém, o acento no segundo verso vai na 6^a e na 10^a sílaba. Por outro lado, o último verso desse terceto recebe acentuação na 4^a, 8^a e 10^a sílabas.

Di /reis /a /go /ra: /“Tres /lou /ca /do a /mi /go!
 Que /con /ver /sas /com /e /las? /Que /sen /ti /do
 tem/ o que e /las /dí /zem, /quan /do es /tão /con /ti /go?”

Por fim, na derradeira estrofe acentuam-se no primeiro verso a 6^a e 10^a sílabas; no segundo a 4^a, 8^a e 10^a; e também no último verso a 4^a, 8^a e 10^a sílabas poéticas.

E eu /vos /di /rei: /“A /mai /pa /ra en /ten /dê /-las!
 Pois /só /quem /a /ma /po /de /ter /ou /vi /do
 Ca /paz /de ou /vir /e /de en /ten /der /es /tre /las.”

No soneto de Bastos Tigre a acentuação das sílabas poéticas da primeira estrofe é feita da seguinte forma: são acentuadas na primeira quadra a 4^a, 8^a e 10^a sílabas no primeiro verso; a

4ª, 8ª e 10ª no segundo; novamente a 4ª, 8ª e 10ª no terceiro; e no quarto verso a acentuação se faz na 6ª e 10ª sílabas.

“O/ ra,/di /reis, /ou /vir /es /tre /las! /Ve /jo
 que es /tás /bei /ran /do a /ma /lu /qui /ce ex /tre /ma.
 No en /tan /to o /cer /to é /que /não /per /co o en /se /jo
 de ou /vi /-las /no /pro /gra /ma /de /ci /ne /mas.

A segunda estrofe apresenta acento na 4ª, 8ª e 10ª sílabas poéticas do primeiro verso; novamente na 4ª, 8ª e 10ª sílabas do segundo; entretanto, no terceiro verso a acentuação, cai na 6ª e 10ª sílabas; e, fechando essa estrofe são acentuados no último verso a 4ª, 8ª e 10ª sílabas.

Não /per /co /fi /ta; e /dir /-vos /-ei /sem /pe /jo
 que /mais /eu /go /zo /se es /ca /bro /so é o /te /ma.
 U /ma /bo /ca /de es /tre /la /dan /do /bei /jo
 é,/ meu /a /mi /go, a /ssun /to /p'ra um /po /e /ma.

No primeiro terceto desse soneto a acentuação é feita na 4ª, 8ª e 10ª sílabas no primeiro verso; na 6ª e 10ª do segundo e na 4ª, 8ª e 10ª do terceiro.

Di /reis /a /go /ra: /Mas, /en /fim, /meu /ca /ro,
 as /es /tre /las, /que /di /zem? /Que /sen /ti /do
 tem /su /as /fra /ses /de /sa /bor /tão /ra /ro?

Por fim, acentuam-se no último terceto, a 6ª e a 10ª sílaba do primeiro verso; do mesmo modo a 6ª e 10ª do verso seguinte; e no terceiro a 4ª, 8ª e 10ª sílabas.

A /mi /go, a /pren /de in /glês /pa /ra en /ten /dé /-las,
 pois /só /sa /ben /do in /glês /se /tem /ou /vi /do
 ca /paz /de ou /vir /e /de en /ten /der /es /tre /las.

3.1 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Ainda quanto à acentuação, observa-se que há uma relação de semelhanças entre o texto-matriz e o hipertexto, pois na primeira estrofe são acentuadas nos três primeiros versos a 4ª, 8ª e 10ª sílabas e no último verso acentuam-se a 6ª e a 10ª sílaba.

“O/ ra,/(di /reis) /ou /vir /es /tre /las! /Cer /to
 per/ des/ te o /sen / so!” E eu/ vos /di /rei,/no en /tanto,
 que/, pa /ra ou /vi /-las, /mui /ta /vez /des /per /to
 e a /bro as /ja /ne /las, /pá /li /do /de es /pan /to...
 (Olavo Bilac)

“O/ ra,/di /reis, /ou /vir /es /tre /las! /Ve /jo
 que es /tás /bei /ran /do a /ma /lu /qui /ce ex /tre /ma.
 No en /tan /to o /cer /to é /que /não /per /co o en /se /jo

de ou /vi /-las /no /pro /gra /ma /de /ci /ne /mas.
(Bastos Tigre)

No segundo quarteto as semelhanças existem porque nos dois primeiros versos e no último, o acento cai na 4ª, 8ª e 10ª sílabas.

E /con /ver /sa /mos /to /da a /noi /te, en /quan /to
a /Vi /a /-lác /tea, /como um /pá /lio a /ber /to,
in /da as /pro /cu /ro /pe /lo /céu /de /ser /to.
(Olavo Bilac)

Não /per /co /fi /ta; e /dir /-vos /-ei /sem /pe /jo
que /mais /eu /go /zo /se es /ca /bro /so é o /te /ma.
é, / meu /a /mi /go, a /ssun /to /p'ra um /po /e /ma.
(Bastos Tigre)

São semelhantes no primeiro terceto a acentuação feita no primeiro e terceiro versos na 4ª 8ª e 10ª sílabas e no segundo verso, com acento na 6ª e 10ª sílabas.

Di /reis /a /go /ra: /“Tres /lou /ca /do a /mi /go!
Que /con /ver /sas /com /e /las? /Que /sen /ti /do
tem / o que e /las /di /zem, /quan /do es /tão /con /ti /go?”
(Olavo Bilac)

Di /reis /a /go /ra: /Mas, /en /fim, /meu /ca /ro,
as /es /tre /las, /que /di /zem? /Que /sen /ti /do
tem /su /as /fra /ses /de /sa /bor /tão /ra /ro?
(Bastos Tigre)

O último terceto dos dois sonetos também se assemelha, pois se acentuam no primeiro verso a 6ª e 10ª e no terceiro verso a 4ª, 8ª e 10ª sílabas.

E eu /vos /di /rei: /“A /mai /pa /ra en /ten /dê /-las!
Ca /paz /de ou /vir /e /de en /ten /der /es /tre /las.”
(Olavo Bilac)

A /mi /go, a /pren /de in /glês /pa /ra en /ten /dê /-las,
ca /paz /de ou /vir /e /de en /ten /der /es /tre /las.
(Bastos Tigre)

Os dois poemas também se diferenciam na acentuação e observa-se isso no segundo quarteto. O texto-matriz na terceira estrofe contém acento na 4ª, 8ª e 10ª sílabas, enquanto que no hipertexto o acento cai na 6ª e na 10ª sílaba.

cin /ti /la. E, ao /vir /do /sol, /sau /do /so e em /pran /to,
(Olavo Bilac)

U /ma /bo /ca /de es /tre /la /dan /do /bei /jo
(Bastos Tigre)

Uma outra diferença na acentuação poética dos textos em análise se encontra no último terceto, onde no segundo verso o acento cai na 4ª, 8ª e 10ª sílabas no poema de Bilac, enquanto que no poema de Bastos Tigre acentua-se a 6ª e a 10ª sílaba.

Pois / só / quem / a / ma / po / de / ter / ou / vi / do
(Olavo Bilac)

pois / só / sa / ben / do in / glês / se / tem / ou / vi / do
(Bastos Tigre)

Pelo que foi analisado neste item, percebe-se que as palavras acentuadas no texto-matriz dão-lhe um ritmo romântico, pois o eu-lírico está elogiando o sentimento amoroso ao mencionar que desperta na madrugada e abre a janela para ouvir e conversar com as estrelas procurando-as pelo céu deserto até que o sol apareça. Nesse sentido, as palavras que foram acentuadas mostram que o sujeito poético e a natureza compartilham um sentimentalismo que está presente em toda a obra e que, de fato, esse vem a ser o conteúdo semântico do poema.

Por outro lado, as palavras que recebem acento poético no hipertexto, perpassam um tom de advertência e ao mesmo tempo de deslumbramento, retratando que quem assiste aos filmes americanos e não consegue entender o que os atores estão falando, precisa saber inglês. Sendo assim, não adianta só ver o que acontece nos filmes, é necessário entender sua linguagem para que se possa desfrutar com mais intensidade a beleza artística dos espetáculos cinematográficos. Por isso o eu-poético fala constantemente da importância de entender a língua inglesa, pois para ele, maravilhoso e encantador é assistir aos filmes e saber o que as estrelas estão falando nos programas de cinema.

3.2 A PREDOMINÂNCIA DE ALGUMAS CLASSES GRAMATICAIS NA ACENTUAÇÃO DOS VERSOS

No texto-matriz observa-se que no quarteto inicial acentuam-se poeticamente quatro palavras com valor gramatical de verbo (*direis, direi, ouvi-las e desperto*), quatro substantivos (*estrelas, senso, vez e espanto*), dois advérbios (*certo e entanto*) e um adjetivo (*pálido*), portanto nessa estrofe predomina a ação e o nome. Na segunda quadra são acentuados quatro substantivos (*noite, Via-láctea, pálio, pranto e céu*), três verbos (*conversamos, vir e procuro*), três adjetivos (*aberto, saudoso e deserto*) e uma conjunção (*enquanto*), predominando nesta estrofe o nome. No primeiro terceto acentuam-se três verbos (*conversas, dizem e estão*), dois substantivos (*amigo e sentido*), dois pronomes (*elas e contigo*), um adjetivo (*Tresloucado*) e um advérbio (*agora*), neste caso a

predominância é da ação. Por fim, na última estrofe são acentuados seis verbos (*Amai, entendê-las, ama, ter, ouvir e entender*) e dois substantivos (*ouvido e estrelas*) predominando assim, a ação.

No hipertexto acentuam-se no primeiro quarteto seis substantivos (*estrelas, maluquice, certo, ensejo, programa e cinemas*), quatro verbos (*direis, Vejo, beirando e perco*) e apenas um adjetivo (*extrema*), portanto predominam quanto à acentuação poética, o nome. Na quadra seguinte são acentuados sete substantivos (*fita, pejo, tema, estrela, beijo, amigo e poema*), dois verbos (*dir-vos-ei e gozo*), um adjetivo (*escabroso*) e uma locução prepositiva (*p'ru um*), então predomina o nome. No primeiro terceto são acentuados três substantivos (*sentido, frases e sabor*), dois adjetivos (*caro e raro*), dois advérbios (*agora e enfim*) e um verbo (*dizem*), neste caso predomina o nome. Por fim, acentuam-se no segundo terceto quatro substantivos (*inglês, inglês, ouvido e estrelas*) e três verbos (*entendê-las, ouvir e entender*), predominando também o nome.

Como foi mostrado, os dois textos mantêm uma relação de diálogo na acentuação poética, pois em ambos os sonetos a maioria das palavras que recebe acento se refere ao nome e à ação, destacando-se principalmente o acento em verbos no prototexto e a acentuação de substantivos no hipertexto.

4 MECANISMOS INTERTEXTUAIS

Além de todas as análises feitas da estrutura dos dois sonetos, pôde-se perceber que no plano semântico os dois textos também apresentam diferenças. No poema de Bilac o substantivo “estrelas” significa um astro do sistema solar, dotado de luz própria. No poema de Tigre significa artista célebre no teatro, no cinema, na televisão. Nesse sentido, há a presença de uma das características do grotesco no hipertexto, pois este faz o rebaixamento do substantivo “estrelas”, ou seja, traz do plano abstrato para o concreto, invertendo por inteiro o sentido que lhe é atribuído no texto-matriz. Olavo Bilac usa metáforas em seu poema para se referir ao homem que quando está apaixonado fica tolo, sem juízo, ou seja, com a mente no alto, nas estrelas. Por outro lado, o hipertexto apresenta um sentido literal relatando que é necessário saber a língua inglesa para entender e apreciar as famosas atrizes americanas, pois a maioria dos filmes é feita nos EUA.

Além do rebaixamento encontra-se outro elemento intertextual que comprova a relação dialógica entre os sonetos “Ouvir estrelas” de Olavo Bilac e “Ouvir estrelas” de Bastos Tigre, como é o caso da intertextualidade que, segundo FIORIN (1999), é o processo de incorporação de um texto em outro texto, com o intuito de reproduzir o sentido incorporado

ou transformar o sentido em outro por meio de processos como a citação, a alusão e a estilização.

No entanto, mencionar-se-á aqui somente a citação, que ainda segundo o mesmo autor, é o processo pelo qual se altera ou se confirma o sentido do texto-base. No soneto de Bastos Tigre encontra-se a presença desse elemento intertextual, pois o eu-lírico altera completamente o sentido do texto-matriz dando uma visão semântica diferente ao hipertexto:

“Ora, (dizeis) ouvir estrelas! Certo perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto, que, para ouvi-las, muita vez desperto e abro as janelas, pálido de espanto...

Ora, dizeis, ouvir estrelas! Vejo que estás beirando a maluquice extrema. No entanto o certo é que não perco o ensejo de ouvi-las no programa de cinemas.

E eu vos direi: “Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

Amigo, aprende inglês para entendê-las, pois só sabendo inglês se tem ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas.

Como se viu acima, na primeira e na última estrofe algumas partes do soneto de Bilac estão contidas no hipertexto, porém adquirem um outro sentido. Neste caso, o texto de Bastos Tigre faz a citação para construir um sentido diferente do texto de Bilac, pois este se refere à pessoa que quando está apaixonada fica despercebida e à-toa. Por outro lado, Bastos Tigre critica quem assiste aos filmes americanos e pensa que sabe o que estão dizendo as estrelas de Hollywood, já que os filmes são em inglês.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi visto ao longo desse trabalho, comprovou-se que todo texto é heterogêneo, pois mantém relações com seu interior e seu exterior e desse exterior fazem parte outros textos que lhe dão origem e com os quais dialoga, seja em níveis variáveis ou em formas mais perceptíveis.

Sendo assim, por meio da análise dos sonetos “Ouvir estrelas” de Olavo Bilac e “Ouvir estrelas” de Bastos Tigre verificou-se que, de fato, há uma relação dialógica entre eles. No entanto, por mais que se note que os dois sonetos apresentem estruturas formais semelhantes, observa-se que o hipertexto repassa uma visão de mundo diferente do texto matriz, pois este usa a arte poética para se referir metaforicamente ao homem que quando está apaixonado anda com a cabeça nas estrelas e tem somente elas como parceiras para conversar sobre a pessoa amada e dividir a angústia que só as pessoas apaixonadas têm. Por outro lado, o hipertexto se refere às estrelas, mas às de Hollywood, que também são maravilhosas e

deslumbrantes. Só que, no entanto, para realmente desfrutar com mais nitidez dos filmes norte-americanos, é necessário entender a língua inglesa.

Por tudo que aqui foi discutido confirma-se que nenhum texto nasce do nada, pois sempre manterá uma relação de diálogo com outros textos. Também não se quer aqui esgotar as relações dialógicas que existem entre os poemas analisados, pois constantemente outras observações além das que foram feitas poderão também ser realizadas. Portanto, fica aberta aos leitores a possibilidade de outras possíveis análises para que sempre se possa perceber e demonstrar essa fantástica relação dialógica existente na linguagem, que Bakhtin denominou de dialogismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio: Forense Universitária, 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. e Fiorin, José Luiz (orgs.) *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1999.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

CLARK, Katerina e Holquist, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FARACO, Carlos Alberto *et alii* (orgs.). *Vinte Ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de M. Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Perspectiva, 1988.